



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO

**Juliana Gonzalez Ribeiro**

GRAFITE E IDENTIDADE:

UMA NARRATIVA FOTOGRÁFICA DE RESISTÊNCIA

Bauru - SP

2019

Juliana Gonzalez Ribeiro

## **Grafite e Identidade**

### **Uma narrativa fotográfica de resistência**

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Departamento de comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Maximiliano Martin Vicente.

## Epígrafe

“Conte a verdade. Primeiro para você mesmo e depois para as crianças. Viva no presente, não negue o passado. Viva no presente e saiba que é seu dever transformar o seu país para melhor do que está. Fazer este país ser tudo o que ele pode ser para todas as pessoas que vivem com sede por liberdade e equidade”.

Maya Angelou, escritora e ativista do movimento negro nos Estados Unidos em uma entrevista para o programa canadense “*George Stroumboulopoulos Tonight*” em 2013.

## **Resumo**

Este Projeto Experimental tem como objetivo representar como a arte e os processos comunicativos se relacionam em um contexto de resistência, cultura urbana e periférica através de uma fotorreportagem. As fotos foram feitas no dia 11 de novembro de 2018 no encontro de grafiteiros “Se essa rua fosse minha” promovido pela Semana do Hip Hop de Bauru na vila 17 do bairro Jardim Europa. O recorte temático foi embasado em fundamentações teóricas sobre identidade, o movimento hip hop e fotografia, e também pelas percepções da jornalista. A resistência é identificada neste projeto como o resultado das manifestações de identidade de minorias e como validação das culturas populares e urbanas.

**Palavras-chave:** jornalismo; identidade; grafite; hip hop; Bauru; fotografia

## **Lista de Imagens**

1. Imagem feita no Indesign do esqueleto da parede de lambe-lambe.....18
2. Foto do resultado final da parede de lambe-lambe.....18

## SUMÁRIO

1.	Introdução.....	7
2.	Fundamentação teórica.....	8
	2.1 Identidade.....	8
	2.2 O Movimento Hip Hop.....	10
3.	Planejamento do produto.....	12
	3.1 Gênero e Formato.....	12
	3.2 Narrativa e Contexto.....	14
4.	Metodologia de execução.....	16
	4.1. Descrição de atividades.....	16
	4.2 Descrição Técnica.....	16
	4.3 Descrição do Produto.....	17
5.	Considerações Finais.....	18
6.	Bibliografia.....	19
7.	Apêndice – Fotos do produto.....	20

## **1. Introdução**

O relatório composto nas páginas a seguir complementa o projeto experimental *Grafite e Identidade* realizado como trabalho de conclusão de curso. Este relatório busca explicar a produção do projeto com base na fundamentação teórica e nas metodologias utilizadas.

A motivação primordial para a execução deste projeto foi a relação profissional da aluna com a linguagem fotográfica e a intenção de realizar uma experimentação que utilizasse a fotografia como forma principal de comunicar assuntos de relevância cultural e social. Esse propósito foi viabilizado com a participação voluntária durante os 15 dias da Semana do Hip Hop de 2018 como fotojornalista. A ideia foi realizar um trabalho jornalístico de imersão fotográfica na Semana do Hip Hop e posteriormente adaptá-lo para o Projeto Experimental. A participação dos eventos veio em primeiro lugar para entender as principais características do movimento Hip Hop e criar uma narrativa fotográfica a partir do material coletado.

Embora tenha sido fotografado diversos eventos e várias manifestações dos cinco elementos do Hip Hop, o grafite foi escolhido. O trabalho de apuração de material se desenvolveu em um encaminhamento focalizado no objeto específico que foi o evento “Se essa rua fosse minha”, no qual acredita-se que as fotos selecionadas sejam mais representativas dos temas identificados no movimento.

O principal objetivo do projeto é informar através de uma narrativa fotográfica contextualizada, propondo uma experiência social pela forma como é apresentada. Pretendeu-se realizar um projeto experimental de comunicação urbana com o tema central o grafite como manifestação de identidade e cultura. Os retratos realizados trazem relações sociais que têm caráter cultural e político por natureza, a sua função jornalística inclui propor reflexão e debate.

Fotografias documentais de caráter social, ainda que tenham brotado da vivência do fotógrafo como sujeito e tenham sido moldadas por sua

abordagem conceitual, podem oferecer uma experiência visual de um conjunto de circunstâncias, a fim de apresentar, compartilhar ou transmitir um entendimento que vai além de palavras. (SHORT, 2013 p.14)

A experimentação da linguagem fotográfica desenvolvida foi embasada em estudos sobre identidade e referências da cultura urbana para a criação de um conceito evocando uma atmosfera de reflexões acerca do tema apresentado. As páginas a seguir explicam o objeto fotografado e os processos de desenvolvimento que influenciaram no resultado final deste projeto.

## **2. Fundamentação Teórica**

Para justificar o conceito e embasamento do tema, assim como o formato escolhido para a apresentação, utilizo de referências bibliográficas que ajudaram a compor o projeto.

### **2.1 Identidade**

“Tirar foto é fácil quero ver quem se retrata”, ALIEN, Black. *Babylong By Gus*, 2014.

Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi ver os artistas se retratando nos muros. A artista Mota se colocar como uma mulher negra, com chuchinhas como as suas, seu cabelo afro. O grafiteiro Robinho se colocar como uma figura grande, colorida, forte. Outras semelhanças entre arte e artistas são percebidas nas fotos do projeto, ilustrando o conceito do projeto. Essas semelhanças criam uma conexão e identificação com a população do bairro e principalmente com as crianças. As imagens resultantes do evento inspiraram o tema *Identidade*.

O modo pelo qual a fotografia pode ir além do registro das aparências e transmitir algo do temperamento do indivíduo ou das circunstâncias é algo com que podemos nos identificar. Fotografias podem ajudar a confirmar, ou até mesmo criar, nossa ideia pessoal e identidade; uma identidade que pode

conscientemente ser construída ou simplesmente revelada com um sorriso ou um gesto. (SHORT, 2013, p.12)

Segundo Stuart Hall existe uma mudança estrutural que suscita discussões nas sociedades modernas do séc. XX que acontece com a fragmentação das relações culturais e produção de conhecimento. Neste projeto têm-se os temas em voga como classe, etnia, raça e nacionalidade, que no passado eram vistas como estruturas sólidas e hoje passam por constante transformação com os temas ligados à resistência dos movimentos artísticos periféricos. Essas manifestações são percebidas como parte de um processo em que os indivíduos e comunidades buscam referências e ancoragem para o seu entendimento como seres humanos e como sociedade.

Portanto, as mudanças sociais têm como forma uma reflexão baseadas em suas vivências conforme o aumento do acesso à informação sobre determinado assunto alterando suas perspectivas. O autor de *A identidade cultural na pós-modernidade* explora 5 ideias das ciências humanas que ajudaram a romper com a forma do sujeito moderno individualista e influenciaram em uma concepção mais social do sujeito atual.

O primeiro estudo citado é o de Marx, suscitando questões sobre as relações sociais (modos de produção, exploração da força de trabalho, condicionamento histórico do sujeito e direcionamentos do capital) e explorando as temáticas das classes trabalhadoras esclarecendo as relações de poder e desigualdades sociais.

A teoria do inconsciente por Freud é o segundo estudo, afirmando a ideia de identidades móveis, alteradas por processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. A identidade é vista pela ótica da formação do sujeito desde criança, pensando nas suas relações pessoais e os sistemas de representações simbólicas do mundo ao seu redor. A principal influência deste pensamento é de que a identidade não é algo inato do sujeito, mas sim um processo do inconsciente formado ao longo da vida.

Essa teoria entra em conflito direto com os conceitos passados sobre “lógica” e “razão” do sujeito moderno que seria fixo e estável. Por isso a mobilidade é a maior característica do sujeito pós-moderno e estabelecemos assim, que o acesso à informação

e as conexões entre os sujeitos influenciam na compreensão do que é *identidade* e em suas manifestações no mundo.

O terceiro é o trabalho do linguista Saussure é de suma importância para a compreensão dos sistemas de significado de regem as comunicações verbais e não verbais de cada cultura. Desse modo, as linguagens podem ser vistas como um sistema social, e não individual. O entendimento de que existe uma noção cultural que rege todos os símbolos e significados em tudo o que produzimos em nossa sociedade. O significado pode ser mutável, assim como os indivíduos o são.

O quarto motivo teórico que abalou as concepções de identidade sujeito, segundo Hall, foi o trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault. Ele descreve o chamado “poder disciplinar” que têm como representantes instituições de controle social que visam enrijecer e moldar os comportamentos dos indivíduos. A relação estabelecida nesta análise é a de que quanto mais organizada e coletiva a ação dessas instituições, mais isolado e individual se torna o sujeito.

Por fim, Stuart Hall nomeia o feminismo um dos fatores que ressignificam os papéis identitários de gênero em nossa sociedade nos anos 60, juntamente com os movimentos estudantis. Semelhante a ele, diversos movimentos sociais se iniciam, entre eles o Hip Hop, um conjunto de manifestações artísticas de função social da década de 70.

Diante da fundamentação teórica podemos encarar a identidade sobre a ótica da constante mudança, uma formação cultural e social que se transforma através de processos de significação e ressignificação. A identidade neste projeto é percebida pela comunicação visual na arte do grafite e representada nas fotografias aliada ao contexto de movimento Hip Hop.

## **2.2 O Movimento Hip Hop**

O Hip Hop é conhecido como um movimento oriundo de comunidades afro-americanas e latinas do bairro sul Bronx, periferia da cidade de Nova York, nos Estados

Unidos da América. Nos anos 70 surgiram os elementos artísticos que têm muita força atualmente em periferias pelo mundo todo. Como arte, ele retrata a realidade econômica das periferias, conta sobre os sujeitos que nelas vivem e suas histórias. E como movimento social é uma alternativa de expressão contra a violência das gangues e o descaso do Estado. Segundo Maria Santos em sua pesquisa para tese de doutorado “Esta dinâmica produz saberes ao ofertar e popularizar ideias capazes de conduzir o outro a uma suposta tomada de consciência e à busca da possibilidade de melhorias individuais e coletivas do local onde se vive.” (SANTOS, 2017, p. 63) E continua

Analisando as considerações dos pesquisadores, em relação, identifiquei quatro aspectos comuns entre os trabalhos, no que diz respeito à funcionalidade e à projeção (para onde caminham) do Hip-Hop na sociedade: transformação, identidade, apropriação e resistência. (SANTOS, 2017 p. 63)

Apesar de existirem divergências entre pesquisadores sobre quais seriam os elementos básicos do Hip Hop adotei como fonte a representação utilizada pela Casa do Hip Hop de Bauru. Os cinco elementos que compõem os pilares desta cultura: o primeiro é o MC que é o mestre de cerimônia, o segundo o DJ, depois o estilo de dança conhecido como Break, o Grafite e o Conhecimento. A ideia que permanece até hoje é a de união, trocas culturais como forma de batalhas de dança, de rima, de ritmos e de grafite entre os grupos sociais de periferia para resolver as diferenças de maneira não violenta, mas artística.

O Grafite é uma arte urbana realizada principalmente em muros públicos, centros urbanos e vagões de trem. Com tintas spray, os grafiteiros retratam suas vivências, suas realidades, ou ainda, se retratam, seus corpos em muros e espaços de grande circulação reivindicando sua importância e manifestando significados culturais através de uma linguagem visual.

O Grafite como movimento de resistência das minorias tem seu valor de instigar uma identificação entre seres humanos e é representado neste projeto como arte-comunicação urbana contemporânea. O quinto elemento é o Conhecimento, aquilo que é agregado historicamente entre as comunidades e tido como o mais precioso de todos, aquele que valoriza a educação e conscientização dos indivíduos.

O Movimento Hip Hop da cidade de Bauru é um dos mais reconhecidos do país, tendo como a Semana do Hip Hop de Bauru como destaque entre os maiores eventos culturais sobre Hip Hop da América Latina. Durante a semana, os encontros culturais planejados atraem principalmente a juventude da região, e um dos pilares de sua ação social é levar os 5 elementos de maneira dinâmica para as escolas públicas e para a Fundação Casa de Bauru.

A juventude, além de ser abordada como a principal responsável pela idealização e construção deste universo, ao propor o debate da sua identidade e enfatiza a necessidade de visibilidade, ou problematiza a ausência dela, na sociedade. (SANTOS, 2017 p.64)

A oportunidade de conhecer o Movimento Hip Hop de Bauru, sem pertencer à ele, participando da Semana foi importante para o desenvolvimento deste projeto. Esse contato deu luz à criação uma narrativa fotográfica dos acontecimentos embasada e coerente com a temática e seu contexto.

### **3. Planejamento do Produto**

Neste item pretendo justificar o formato escolhido para a elaboração e apresentação deste projeto, além de referenciar as fundamentações teóricas sobre fotografia e comunicação social. Além disto, pretende-se explicar a conceituação das fotografias afim de relacionar os elementos de significação da imagem e informação.

#### **3.1 Gênero e Formato**

A arte visual é objeto fundamental de pesquisa presente no tema deste projeto, e a escolha da fotografia como meio de transmissão deste conhecimento alinha-se à linguagem visual como meio principal de comunicação. A apresentação das fotos em uma experimentação de lambe-lambe foi uma estratégia discursiva em concordância com a abordagem conceitual acerca da cultura urbana.

A fotorreportagem *Arte e Identidade* evoca uma relação de subjetividades entre os interlocutores própria da arte. Isso pode ser observado na comunicação visual entre grafite e comunidade e entre projeto e estudantes da FAAC. Esta relação, sustentada pelos contextos e narrativas jornalísticos, caracterizam a experimentação de uma comunicação urbana.

Para Muniz Sodré a dimensão da comunicação sensível propõe uma estratégia de “aproximação de diferentes”. Neste caso, colocar dentro da universidade pública através de uma intervenção na parede do campus de Bauru os retratos da arte alternativa em uma periferia, realidade que é contrastante com a de muitos dos alunos, receptores da informação. Propor uma intervenção jornalística implica em um processo comunicativo de abrir um espaço de debate dentro de um ambiente público. Em uma sociedade moderna em que a comunicação acontece de maneira “personalizada” entre algoritmos da internet e bolhas ideológicas, ao alterar as paredes, interfere-se no cotidiano.

As experiências sensíveis podem orientar-se por estratégias espontâneas de ajustamento e contato nas situações interativas, mas salvaguardando sempre para o indivíduo um lugar exterior aos atos puramente lingüísticos, o lugar singularíssimo do afeto (SODRÉ, 2006, p. 9)

O espírito do tempo moderno marcado pela imagem e pelo sensível se une a uma ambientação prévia entre os pixos e grafites já existentes também na Unesp de Bauru. Ou seja, os alunos estão familiarizados com essa linguagem, facilitando a recepção por este meio. Pretende-se então criar uma comunicação afetiva a fim de instigar o afeto, afinal, estamos falando sobre identidade.

As fotos impressas e aumentadas, coladas em formato de um mural de lambe-lambe em um espaço público valorizam os detalhes e as cores das fotos. O resultado visual é também a forma com que as imagens foram relacionadas entre si no conjunto da obra.

Liberadas as pessoas e as coisas de seu peso ou de sua gravidade substancial, tornadas imagens que ensejam uma aproximação fantasmática, a cultura passa a definir-se mais por signos de envolvimento sensorial do que pelo

apelo ao racionalismo da representação tradicional, que privilegia a linearidade da escrita. (MUNIZ, 2009 p. 17)

A estratégia do formato se baseia no dispositivo semiótico do contato, na percepção individual do receptor que extrapola as dimensões da imagem e atingem o afeto, a identificação, as emoções. A narrativa do projeto cria uma conexão e reconhecimento do indivíduo em uma experiência sensorial da realidade mediada pelo fotojornalismo. Isso reforça a relação entre forma e conteúdo e a importância que o meio tem para a mensagem.

O fotojornalismo pode ser entendido como uma abordagem que apresenta uma narrativa com intenção determinada. Ainda que não seja representação objetiva da realidade, pretende-se transmitir o espírito do evento, que aliado a um contexto, direciona-se a uma gama interpretações.

Em “Filosofia da Caixa Preta” o filósofo Vilém Fusser chama os fotógrafos de “informadores”, pois produz símbolos e os armazena, transformando o seu produto em uma mensagem. Para o autor, a fotografia não é um produto a ser consumido, e sim para informar.

Fusser alega que a fotografia permeia a vida das pessoas criando um mundo mágico de representações da realidade que não transformam a realidade, mas sim a nossa percepção sobre a mesma. “A nova magia não visa modificar o mundo lá fora, como o faz a pré-história, mas os nossos conceitos em relação ao mundo. É magia de segunda ordem: feitiço abstrato.”

A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado. Com efeito, são elas símbolos extremamente abstratos: codificam textos em imagens, são metacódigos de textos. A imaginação, à qual devem sua origem, é capacidade de codificar textos em imagens. Decifrá-las é reconstituir os textos que tais imagens significam. Quando as imagens técnicas são corretamente decifradas, surge o mundo conceitual como sendo o seu universo de significado. O que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é “o mundo”, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem. (FLUSSER, 2002, p. 10)

Dessa forma o fotojornalista representa o mundo através de imagens com sua própria imaginação, transformando o seu resultado em mensagens. Segundo o autor, fotografar é atividade de caça, e os retratos são o momento congelado em cenas que se eternizam em matéria, conteúdo simbólico. Permitindo, assim, que as pessoas que não presenciaram aquela cena ao vivo possam vivenciar essa realidade através das fotografias e interpretá-las.

### **3.2 Narrativa e contexto**

A construção da narrativa e contextualização da obra explicita sua intenção e reconhece a maneira como se procede às suas interpretações, considerando que as influências sociais, culturais, geográficas podem delinear a comunicação com o público.

A narrativa é o fio condutor que dá sentido à comunicação visual e encaminha a leitura das imagens. No caso deste projeto, a construção do mural fotográfico, dada a importância individual de cada foto para história que se conta em conjunto.

Uma narrativa fotográfica pode ser uma interpretação de uma determinada pessoa, lugar ou evento. Especialmente na comunicação visual, uma narrativa não precisa ser linear. Pode ser cíclica, ou estar contida em uma única imagem, ou fazer referências cruzadas, que, quando reunidas, substanciam o entendimento ou interpretação que o espectador faz das intenções do fotógrafo. (SHORT, 2013, p. 98)

Os símbolos e significados que estão intrínsecos em cada cultura são utilizados para contar essa história, tanto no momento de captação das imagens, quanto na seleção e pós-produção contribuem para o destaque de elementos que ajudam a representar o tema e seus sentidos.

Como exemplo, a seleção dos seguintes elementos presentes no projeto evocam o tema resistência: coroas, a frase “Somos reis e rainhas”, representam empoderamento; uma caneta capelo de formador, valorizando a educação de forma simbólica. Circunstâncias do evento que direcionaram o olhar do fotógrafo e foram usados para compor um briefing autodirigido e resultaram em a composição final estabelecida.

É preciso reconhecer aqui uma importância particular ao que se poderia chamar a pose dos objetos, pois que o sentido conotado surge então dos objetos fotografados (quer tenhamos disposto artificialmente esses objetos diante da objetiva se o fotógrafo teve vagar para isso, quer entre várias fotografias o paginador escolha a de tal ou tal objeto). O interesse reside em que esses objetos são indutores correntes de associações de idéias (biblioteca-intelectual). (BARTHES, 1990, p.4)

Algumas das fotos escolhidas têm por sua função principal mostrar os moradores do bairro e suas interações com o Grafite. Imagens de artistas pintando as bicicletas e brinquedos das crianças, ou o menino que escreve seu nome no muro de sua casa. Pode-se dizer que essas escolhas descrevem o Grafite (quarto elemento do Hip Hop) como agente de transformação social.

O sociólogo Roland Barthes declara que a emissão e a recepção mensagem fotográfica concernem ambas a uma sociologia: “trata-se de estudar grupos humanos, de lhes definir motivações, atitudes, e de tentar ligar o comportamento deles à sociedade local de que fazem parte”.

O autor analisa a possibilidade de uma dualidade na mensagem fotográfica, a primeira é a denotativa e objetiva, porém ele teoriza uma segunda, conotativa, a recepção e interpretação da sociedade; como acontece com as obras de arte.

De um lado, uma fotografia de imprensa é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos fatores de conotação; e, de outro, essa mesma fotografia não é apenas percebida, recebida, ela é lida, ligada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome a uma reserva tradicional de signos (Barthes, 1990, p.2)

Assim, a coexistência dessas duas mensagens seria o paradoxo fotográfico. Porém, esta segunda produção de sentido, a segunda mensagem, é a que se atenta para a construção de uma narrativa visual que ultrapassa a objetividade, atingindo as dimensões do sensível e da subjetividade. Nessa face temos as individualidades do receptor e as intenções e ações de estilo fotográfico (enquadramento, edição,

tratamento, veiculação). A gama de interpretações e significações é responsável pela evocação dos temas do projeto e abre espaço para reflexão e debate.

Uma narrativa fotográfica pode assumir diversas interpretações subjetivas dependendo da maneira como são apresentadas e lidas, por isso a sua contextualização o é tão importante para que se estabeleça uma comunicação principal.

O contexto pode ser definido pela função da foto, sua localização, por sua relação com as outras fotos da mesma série, pelo uso do texto e ainda pela sua localização geográfica e interpretações culturais e experiências trazidas pelo público. (SHORT, 2013 p. 29)

Por exemplo, através das fotos já é possível perceber a precariedade do bairro, elementos como a ausência de asfalto e infraestrutura. A escolha de contextualizar as imagens através de informações textuais curtas como a localização geográfica e circunstanciais pretendem complementar as informações visuais. A partir desta perspectiva cria-se uma narrativa visual em um contexto ambiental que é a caracterização do espaço Vila 17 do bairro Jardim Europa, na cidade de Bauru, e circunstanciais que são o Movimento Hip Hop de Bauru e manifestação artística que é o Grafite em si.

É preciso levar em consideração o contexto cultural e social que envolve a produção do material fotográfico, por isso o elemento textual da identificação como Semana do Hip Hop de Bauru, no ano de 2018. Isso estabelece uma relação entre o produto final e as motivações que o precedem, fazendo uma ponte com a cultura Hip Hop como manifestação artística.

Pode-se dizer que foi realizado um trabalho onde é possível entender as imagens e localizá-las geograficamente, e ainda, comunicar os seus temas correspondentes através dos significados intrínsecos em cada imagem e no coletivo delas.

#### **4. Metodologia de Execução**

Esse capítulo do relatório tem como finalidade descrever como foi feito o produto e os equipamentos necessários para realizar as fotografias.

#### **4.1 Descrição das Atividades**

O ponto de partida deste projeto foi a minha participação como fotojornalista voluntária na Semana do Hip Hop de 2018, realizada nos dias 1 a 15 de novembro. Entre os eventos fotografados para esta imersão jornalística no Movimento Hip Hop de Bauru, o encontro: “Se essa rua fosse minha”, foi onde produziu-se uma grande quantidade de imagens com uma gama de objetos e significações que transmitem os temas encontrados em todo o movimento em si. Identidade, empoderamento, senso de comunidade, união, arte e função social. Entre árvores altas, em um chão de terra e muros de madeira fina, a resistência pintou seu espaço e alegrou os moradores da rua. Cerca de 20 grafiteiros estavam presentes naquele domingo de manhã.

#### **4.2 Descrição técnica**

Para a realização deste projeto, foram utilizados os seguintes equipamentos: câmera fotográfica Nikon D5300 com uma lente de variação 18-55mm. Para a edição das fotografias foi utilizado o software Adobe Lightroom CC e Adobe Photoshop CC, versões de 2018. Para a colagem utilizei impressão colorida em folha sulfite A4 e cola escolar diluída em água.

#### **4.3 Descrição do Produto**

O produto final consiste em uma fotorreportagem no formato de lambe-lambe apresentado como intervenção em uma parede do campus da Unesp de Bauru. As fotos foram tiradas pela fotógrafa como observadora, sem interferência ou manipulação intencional da jornalista para a realização das fotos. Com o número de 18 fotos, cada uma pensada individualmente e coletivamente para que se relacionassem entre si contando uma história. Foram escolhidas fotos com o intuito de apresentar a arte do grafite, o desenho final; fotos que relacionam a arte e o artista; fotos do ambiente; fotos da comunidade e sua interação com o evento e com o grafite em si. Essa estrutura

dinâmica foi imprescindível para o conceito final da obra, com intenção de abordar os diversos aspectos do evento e dos temas apresentados no projeto.



Figura 1 Imagem do esqueleto da parede



Figura 2 - Parede de Lambe-Lambe localizada no corredor do Departamento de Comunicação Social da Unesp de Bauru

## 5. Considerações Finais

A fotorreportagem surgiu da necessidade identificada da produção de um jornalismo cultural com sensibilidade artística e responsabilidade social. Neste projeto reconhecemos que o grafite e o lambe-lambe representam cenários urbanos de comunicação emergentes e são, portanto, agentes de fluxos de informação. Uma das interpretações pretendidas com este projeto experimental é a relação entre arte e comunicação.

A questão central é o conceito de materialização de questões identitárias nos muros e as interações sociais registradas. Cultura contemporânea alternativa, oriunda de movimentos periféricos e seu papel para a criação de uma identidade social, resistência, educação e empoderamento.

Acredito que a ignorância é a raiz de muitos males na sociedade, por isso a comunicação é tão importante para transmitir informação e conhecimento. A fotografia conta histórias pelo espectro do sensível e traz detalhes no registro imagético e semiótico para além das palavras.

Portanto, o produto é uma proposta experimental de fotojornalismo, com a função de informar fatos de relevância social através da fotografia. As imagens proporcionam uma compreensão sensorial acerca da realidade, desempenhando sua função jornalística de informar com uma empatia artística e humanizada.

Concluo minha intenção com esse projeto experimental de conclusão de curso com um trecho do discurso da escritora nigeriana Chimamanda Adichie no TED Global de 2009: “As histórias são importantes. Muitas histórias são importantes. Histórias têm sido usadas para desapropriar e tornar maligno. Mas histórias também podem ser usadas para empoderar e para humanizar. As histórias podem tirar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem ajudar a recuperar sua dignidade.”

## **6. Bibliografia**

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. O óbvio e o obtuso, p. 11-25, 1990. Disponível em: <<https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotografica.pdf>> . Acesso em: 27 de jun. 2019.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HALL, Stuart. A identidade na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, v. 4, 2006.

SHORT, Maria. Contexto e narrativa em fotografia. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2013

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. O universo hip-hop e a fúria dos elementos. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis - afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006

## 7. Apêndice – Fotos do produto















